



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



FÁTIMA CHRISTIANE CAVALCANTE HENRIQUES DA SILVA

**A ESCRITA DO RELATO AUTOBIOGRÁFICO COMO PRÁTICA DE
LETRAMENTO PARA ALUNOS DA EJA**

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

SALVADOR - BA

2021

FÁTIMA CHRISTIANE CAVALCANTE HENRIQUES DA SILVA

**A ESCRITA DO RELATO AUTOBIOGRÁFICO COMO PRÁTICA DE
LETRAMENTO PARA ALUNOS DA EJA**

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Proposta de Sequência Didática desenvolvida para o ensino de Língua Portuguesa, na modalidade EJA, constante do Memorial de Formação apresentado ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Nery Lima Bezerra.

SALVADOR-BA

2021

APRESENTAÇÃO

Esta é uma proposta de Sequência Didática (SD), com atividades para as aulas de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA), elaborada para compor o Memorial de formação em Mestre do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFBA, intitulado “A escrita do relato autobiográfico como prática de letramento: um percurso possível para alunos da EJA”, durante os anos de estudo, 2019 e 2020, realizados por esta professora-pesquisadora Fátima Christiane Cavalcante Henriques da Silva, sob a orientação da Professora Doutora Raquel Nery Lima.

Foram elencadas atividades que proporcionem a análise da percepção da formação dos alunos da EJA sobre o processo de ensino-aprendizagem através de gêneros autobiográficos, perpassando pelas relações no mundo do trabalho e em abordagens sobre as relações étnico-raciais, algumas delas baseadas no livro didático *Caminhar e Transformar*, da EJA de Ferreira (2013), utilizado no ano de 2019, último período de aula presencial, na escola pública estadual, nos estudos de Schenewley e Dolz (2004) e nos Organizadores Curriculares Essenciais (OCE) com aspectos pedagógicos que se adequem ao Ensino remoto, híbrido e presencial, de acordo com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia para a EJA.

DISPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES

- I. Roda de conversa;
- II. Relato oral de um convidado sobre a sua história de vida (ex-aluno ou funcionário do próprio colégio);
- III. Produção inicial;
- IV. Texto 1: *Biografia sobre Carolina Maria de Jesus* – Livro Didático da EJA – *Caminhar e Transformar* (FERREIRA, 2013, p. 44-45);
- V. Texto 2: *Autobiografia do Livro Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (JESUS, 2014, p. 21-23);
- VI. Filme – *Histórias Cruzadas*, 2011;
- VII. Livro *Açúcar Amargo*, Luis Puntel – Série Vagalume – Editora Ática. (destaque para os capítulos 8 e 9);
- VIII. Texto 3: *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*, de Conceição Evaristo;
- IX. Texto 4: *Um Currículo em prosa*, de Tariana Martins Fontes Cruz;
- X. Questionário com perguntas sobre a vida do aluno;
- XI. Produção textual final.

– Apresentação da atividade, produção inicial: Quem sou eu?

ORIENTAÇÕES PARA A RODA DE CONVERSA

Organização: O professor será o moderador do grupo e precisará preparar previamente o ambiente, arrumando as cadeiras em roda, separando os textos de apoio e demais materiais (vídeos, fotos etc.) para uso na roda de conversa. Comentar com os alunos que muitas ideias surgirão ao longo da conversa e, se não houver uma organização, elas poderão perder o sentido. Como solução, o professor deverá escolher dois alunos que terão a função de memorizar (e anotar) as falas que surgirão na roda, sendo os responsáveis pela sistematização e por fazer o fechamento da conversa, contando ao grupo o que acharam de mais interessante em termos de experiência e conteúdo.

Palestra: Exposição oral de um convidado sobre a sua história de vida (ex-aluno ou funcionário do próprio colégio) com o objetivo de identificar as finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (anotar, solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

ROTEIRO PARA ASSISTIR UMA PALESTRA¹

Abertura:

- O professor apresenta o palestrante e introduz o assunto a ser apresentado – autobiografia;
- Orienta os alunos para tomarem nota ou gravarem as falas que acharem mais interessantes na sua escuta, para que ela se torne produtiva;
- Os alunos serão orientados a realizarem uma escuta atenta do palestrante;

Momento da apresentação: O palestrante discorrerá sobre o assunto escolhido, no caso sua história de vida.

Conclusão: Abrir para que os alunos possam discutir, avaliar os pontos apresentados e que foram anotados durante a apresentação.

¹ a partir de SCHNEUWLY e DOLZ (2004, p. 183-200).

– Módulo I: Apresentação do gênero – Autobiografia

Texto 1: Biografia sobre Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus morava em uma favela e escreveu um livro de muito sucesso na década de 1960, *Quarto de despejo*.

Carolina Maria de Jesus foi uma figura ímpar. Viveu sozinha, com três filhos – um de cada pai – em uma favela na cidade de São Paulo, desde 1947. Descendente de africanos, nasceu em 1914, em Sacramento, um vilarejo rural no Estado de Minas Gerais, e foi à escola apenas até o segundo ano primário. Trabalhou na roca com a mãe, desde muito cedo. Depois, ambas foram empregadas domésticas. Já em São Paulo, na favela do Canindé, como catadora de papel e mãe de três filhos, escrevia folhas e folhas de histórias reais e imaginadas. Um dia, um jovem jornalista teve acesso a estes escritos e conseguiu ajudá-la a publicar seu *Quarto de despejo*, em 1960. O sucesso foi imediato. Vendeu o equivalente, naquele ano, a Jorge Amado. Seu livro foi publicado em 13 línguas, em mais de 40 países. [...]

MELHY, José Carlos Sebe Bom.; LEVINE, Robert. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p.17.

Texto 2: Autobiografia – Texto do livro Quarto de Despejo
de Carolina Maria de Jesus.

20 de julho Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava à espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que eles lhe espancaram quando ele estava embriagado.

[...]

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir na favela.

[...]

Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o esposo tratam-se com educação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela também ia lavar roupas. [...] Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso de Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.

Refleti: preciso ser mais tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.

Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que seu atrair os homens. (...)
Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo.
Sento no quinta e escrevo.

... Não posso sair para catar papel. A Vera Eunice não quer dormi, e nem José Carlos.
A Silvia e o marido estão discutindo. Tem 9 filhos e não respeitam-se. Brigam todos os dias.

... Vendi o papel, ganhei 140 cruzeiros. Trabalhei em excesso, senti-me mal. Tomei umas pílulas de vida e deitei. Quando eu ia dormindo despertava com a voz do senhor Antonio Andrade discutindo com a esposa.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 21-23.

ATIVIDADE PARA APRESENTAÇÃO DO GÊNERO

1) Em qual dos textos:

a) O autor e biografado são as mesmas pessoas?

b) O autor é diferente do biografado?

2) Destaque dos textos alguns verbos que apresentem o que se pede no quadro:

O AUTOR É O BIOGRAFADO	O AUTOR NÃO É O BIOGRAFADO

Nota: As autobiografias são escritas em primeira pessoa.

3) Releia o texto 2 e responda:

a) Como era a vida dessa mulher? Que tipo de emprego ou trabalho ela desenvolvia? Selecione trechos do texto que comprovem suas respostas:

b) Releia o texto 1 e reescreva as informações na ordem que aparecem:

Publicou o livro Quarto de despejo.

Carolina de Jesus estudou até o segundo ano.

Morava na favela do Canindé, catava papel e escrevia suas histórias.

Nasceu em sacramento, Minas Gerais, em 1914.

Um jovem jornalista teve acesso aos seus escritos.

Trabalhou na roça e foi empregada doméstica.

– Módulo II: Outras formas de se relatar a vida

Sinopse do Filme: Histórias Cruzadas (2011)

A história é ambientada no Mississippi em 1962, durante a gestação do movimento dos direitos civis nos EUA. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a empregada melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagradou a sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões. Viola, que também interpreta Annalise Keating do seriado 'How to Get Away With Murder', se tornou a primeira atriz negra a ganhar um Emmy na categoria de Atriz Principal em Série Dramática em toda a história do Emmy em 2015 e emocionou a plateia com seu discurso, no qual agradece aos roteiristas e responsáveis por darem lugar à mulher negra em suas obras.

Trailer disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZFCd-D0Sgmg>> Acesso em: 09 Fev. 2020.

ROTEIRO PARA ASSISTIR A SESSÃO DE FILME

Objetivo: Sensibilizar os alunos a produzirem uma escrita autoral.

Metodologia:

Aula 1: Informações prévias sobre o roteiro do filme e aula expositiva sobre a relação entre o filme, que será visto pelos alunos, em casa, e o conteúdo trabalhado;

Aula 2: Sessão de filme;

Aula 3: Lista de questões a serem respondidas a respeito do filme para ser entregue. Recolhimento das questões respondidas e orientação acerca dos aspectos pertinentes ao debate. Divisão da sala em grupos para dar mais dinamismo ao debate a fim de que não fique centrado em um grupo restrito de alunos.

ROTEIRO PARA ANÁLISE DE FILMES²

Data: ____/____/____

Disciplina: _____

1. IDENTIFICAÇÃO

Aluno(a): _____

2. FICHA TÉCNICA DO FILME

Título do filme: _____

Atrizes principais: _____

Direção: _____

Produção: _____

Ano: _____

Duração: _____

3. GÊNERO DO FILME:

() histórico

() comédia

() ficção

() romance

() animação

() documentário

() drama

() suspense

() ação

() outros

4. A LINGUAGEM PREDOMINANTE

() formal

() informal

5. GRAU DE ENTENDIMENTO

() fácil

() razoável

() difícil

6. VALORES CINEMATOGRAFICOS

Assinale com um X em cada coluna de acordo com o seu julgamento, quanto aos aspectos do filme:

ASPECTOS	ÓTIMO	BOM	MÉDIO	FRACO
Música				
Fotografia				

² Roteiro disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/38141606>> Acesso em: 05 Nov. 2019.

Cenários				
Efeitos				
Diálogos				
Enredo				

7. TEMAS ABORDADOS:

() Culturais () Científicos () Políticos () Religiosos () Psicológicos
() Outros: _____, _____, _____

8. ENREDO (SÍNTESE):

9. IDEIA OU MENSAGEM CENTRAL DO FILME:

10. CENA DE MAIOR IMPACTO. JUSTIFIQUE:

– Livro: Açúcar Amargo, de Luis Puntel

Capítulo 8

MAS NESTA CASA QUEM DECIDE TUDO É O PAI?

Guariba, onde Pedro e sua família foram morar, é uma cidade pequena, sem muitas oportunidades. Sua população vive quase que exclusivamente do plantio e do corte da cana-de-açúcar.

Naquela época do ano, início da safra, Guariba estava acostumada a receber muitos trabalhadores de fora. Pedro era apenas mais um dos quase doze mil bóias-frias que acorrem cidade, à procura de emprego no corte de cana.

Com o dinheiro que ainda restava, Pedro conseguiu alugar uma casa bem simples, no bairro João de Barro, onde mora a maioria dos bóias-frias.

A casa não era lá essas coisas, mas dava para ir remediando até conseguirem acomodação melhor.

—Mãe, amanhã eu vou ver se me matriculo na escola aqui do bairro... —Marta declarou, tão logo se instalaram.

—Você precisa é arrumar uma colocação de doméstica, menina—Pedro interferiu. — Eu preciso é estudar, pai. Já sou repetente da oitava. Se não estudar este ano, não termino o primeiro grau. Sem estudo, a gente não consegue muita coisa na vida...

No dia seguinte, Marta foi até a escola. Na secretaria, sabendo que não seria muito fácil matricular-se fora do prazo, ela explicou o seu problema. Mesmo assim, a secretária estava irredutível. Então Marta, usando sua simpatia, suplicou:

—Mas eu não posso ficar mais um ano parada, com os estudos pela metade, dona .. Vendo o jeito desembaraçado de Marta explicar-se, e sua vontade de estudar, a secretária interessou-se pelo seu caso.

—O que complica é que você está muito fora do prazo de matrícula. Mas vou ver o que eu posso fazer...

Marta, sentindo que a secretária simpatizara com a sua causa, foi clara:

—Por favor, dona. Eu preciso estudar. Com essa andação toda do meu pai, com a morte do meu irmão, como eu expliquei, acabo não terminando o primeiro grau...

—Faz o seguinte, mocinha. Entre aqui que eu vou levá-la ao diretor...—a secretária levantou-se para abrir a portinhola que dava acesso à sala.

O diretor foi muito solícito. Depois de examinar todos os documentos de Marta, ele resolveu:

—Você começa a assistir às aulas. Se você conseguir acompanhar as matérias, eu dou um jeito com a matrícula. Aí você faz as provas e acerta o problema das notas...

—Mas é claro, senhor diretor. Não vou ter dificuldades. Eu vou acompanhar as matérias, o senhor vai ver. Aliás, as matérias da oitava série já conheço quase todas. Em Bebedouro, só tirava boas notas.

E o que os alunos estão vendo agora, eu já estudei...

O diretor gostou do jeito de Marta se expressar. Mas, com delicadeza, disse-lhe:

-Só há um problema...

—Qual?

—De manhã não temos mais nenhuma vaga. Tem que ser à noite...

—À noite?

—Marta surpreendeu-se. Aquela notícia era como um balde de água fria em seu entusiasmo.

—Você começa à noite. Se houver vaga de manhã, fica fácil transferir...

Marta saiu desanimada da escola. Teria que enfrentar seu pai. Ela o conhecia suficientemente para saber que ele não permitiria. Só o fato de Marta estudar já era visto como concessão, como um favor. Por ele, Marta já estava trabalhando em casa de família. O que ainda a segurava em casa era o problema de saúde da mãe.

—Mãe, a senhora precisa me ajudar. Eu não posso perder mais um ano de estudo.

—Seu pai não vai deixar, Marta.

—Mas que história é essa dele deixar ou não? Nessa casa quem decide tudo é o pai?—
Marta desabafou, inconformada. —A senhora já notou que nós não temos voz para nada? Tudo é ele quem decide, dá ordens, faz e desfaz?

—Você sabe que é assim, Marta...

—Mas não deveria ser. Eu tenho que estudar, oras! E só tem vaga à noite. . .

—Eu vou tentar, filha. Mas vai ser difícil.

Capítulo 9

MARTA SERIA MESMO A CULPADA?

À noite, na hora do jantar, o pai, como era de se esperar, não concordou: —Nada disso, menina. Filha minha não fica zanzando à noite por aí...

—Mas que zanzando por aí, pai? A escola fica aqui pertinho... E depois, eu preciso estudar.

-Precisa nada. Estudar é besteira...

—Como besteira!?

_ É sim, menina. Você precisa é começar a trabalhar em casa de família, aprender um ofício de faxineira, de arrumadeira, essas coisas...

-E os meus estudos?

—Fica sonhando com estudo, com muita palavra na cabeça e acaba ficando como o filho do compade Mané, que birutou de vez e está internado lá no Santa Tereza, aquele hospital de doidos em Ribeirão.

Marta viu que a conversa ficaria interminável. Resolveu ser dura e impor sua vontade, enfrentando o pai.

—Pare de me chamar de menina, pai. Eu já sou moça. E é por isso que eu preciso estudar. Não quero ficar que nem a mãe, que vive amargurada pelos cantos...

—Que é isso, Marta?—Zefa, até aquela hora calda, interferiu.

—É isso mesmo, mãe. Não quero ficar que nem a senhora. Aqui em casa sempre se pensou em trabalhar, trabalhar, trabalhar. O senhor tirou o Altair cedo da escola, dizendo que o trabalho dignifica e enobrece o homem. E onde é que o Altair, que era tão trabalhador, está?

[...]

Disponível em: <<http://www.ligrare.com.br/data/documents/Acucar-Amargo-Colecao-Vaga-Lume-Andrea-Rachel.pdf>>

PINTEL, Luiz. **Açúcar Amargo**. São Paulo: Ática, 1988.

 ESTUDO DO LIVRO AÇÚCAR AMARGO DE LUIZ PUNTEL³

ASPECTOS GERAIS DA OBRA:

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Título do livro:	Açúcar Amargo
Nome do autor:	Luiz Puntel
Forma literária:	Prosa
Tipo textual:	Narrativo
Ambiente em que se desenvolve a narrativa:	Interior de São Paulo, nas cidades de Catanduva, Bebedouro e Guariba.
Foco narrativo:	3ª pessoa, o narrador conta a história, mas não participa dela (narrador-observador).
Narrador:	Narrador-observador
Quais são os personagens envolvidos na história?	Marta (ou João ou Mudinho), Pedro, Zefa, Agenor, Altair, Mariana, Eliana, Carminha, Tonho, Zé Geraldo, Taíde, Társia, Pires, Lafaiete, Compadre Mané, Sebastião (ou Tião da farmácia), Tânia Fígaro, Ângela.
E o protagonista?	Marta
O que ele faz na história?	Estuda na 8ª série e é uma boia-fria nas lavouras de cana, no interior de São Paulo.
Quais personagens aparecem mais vezes na história?	Marta, Seu Pedro,
Onde se inicia a história?	Na fazenda do pai de Paulinho, situada na cidade de Catanduva, interior de São Paulo, onde Marta morava com a família
Em que cidade se passa a maior parte dos fatos narrados?	Em Guariba, também no interior de SP.
Descreva-a.	Guariba era uma cidade pequena, sem muitas oportunidades. Sua população vive quase que exclusivamente do plantio e do corte de cana-de-açúcar.
O livro fala precisamente sobre o quê?	Fala da vida e da jornada de Marta e de sua família.
Qual tema foi abordado pelo autor?	Luta social dos boias-frias e inferiorização da mulher (machismo).

³ Disponível em: [Um pouquinho de tudo: estudo do livro açúcar amargo de Luiz Puntel <isabelacristinaabc.blogspot.com>](http://Um%20pouquinho%20de%20tudo%3A%20estudo%20do%20livro%20a%C3%A7%C3%BAcar%20amargo%20de%20Luiz%20Puntel%20%3Cisabelacristinaabc.blogspot.com%3E) Acesso em: 05 Nov. 2019.

O desenvolvimento da história está coerente com o título? Justifique.	Sim, porque o açúcar é amargo para os boias-frias que são explorados, sendo, pois, submetidos às injustiças de um trabalho sobre condições inumanas.
O livro fala precisamente sobre o quê?	Fala da vida e da jornada de Marta e de sua família.

– Módulo III: Texto 1: Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita de Conceição Evaristo

DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA

Conceição Evaristo

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas.

Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão.

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos.

Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?

Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e às vezes, até constrangedora, era no momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras:

4 lençóis brancos,
4 fronhas,
4 cobre-leitos,
4 toalhas de banho,
4 toalhas de rosto,
2 toalhas de mesa,
15 calcinhas,

20 toalhinhas,
10 cuecas,
7 pares de meias,
etc, etc, etc.

As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava. E quando, eu menina testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia.

As mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando.

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sois riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semi-analfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. Daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina.

Das mãos lavadeiras, recebi ainda listas de mantimentos, palavras cifradas, preços calculados para não ultrapassar o nosso minguado orçamento (sempre ultrapassavam) e lá ia eu, menina, às tendinhas, aos armazéns e às padarias perto da favela para fazer compras. Nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção...

Ainda, uma de minhas tias, a que me criou, tinha por hábito de anotar resumidamente em folhas de papéis, datas e acontecimentos importantes, desde fatos relacionados à economia doméstica, a acontecimentos sociais ou religiosos. Anotações familiares como:

“A nossa última galinha d’angola fugiu semana passada, isto é no final do mês de novembro”.

“No dia 13 de dezembro, pus a galinha garnisé para chocar sobre nove ovos”.

“Dona Etelvina de Seu Basílio voltou para São Paulo no dia 15 de agosto de 1965”.

“Já paguei duas mensalidades para ajudar na festa da Capela do Rosário”.

“Maria Inês, minha sobrinha ficou noiva no dia 22 de junho de 1969”.

E a medida que eu crescia e os meus conhecimentos também, alguns desses eventos passaram a ser registrados por mim, como também passou a ser de minha responsabilidade cuidar de meus irmãos menores na escola, acompanhar seus deveres, ir às reuniões escolares e transmitir os resultados para mim mãe. De meus irmãos

passei a acompanhar os deveres das crianças menores vizinhas. No pequeno quintal de nossa casa, debaixo das árvores, improvisei uma sala de aula. Das moedas, que me eram dadas pelas mães gratas pelo desenvolvimento de seus filhos na escola, surgiam meu primeiro salariozinho. Riqueza que me permitia comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes algum livrinho, (revistinhas infantis, gibis, que não sei porque eu considerava como sendo livro) ou ainda obter uma alegria maior: doces, doces, doces...

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construía um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo.

Afirmo, porém que foi do tempo/espaço que aprendi desde criança a colher as palavras. Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias. A grande oportunidade para a leitura constante me chegou, quando eu, já quase mocinha tinha a autonomia para ir e vir a Biblioteca Pública de Belo Horizonte, casa-tesouro, em que uma das minhas tias se tornou servente.

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra.

E retomando a imagem da escrita diferencial de minha mãe, que surge marcada por um comprometimento de traços e corpo, (o dela e nossos) e ainda a um de diário escrito por ela, volto ao gesto em que ela escrevia o sol na terra e imponho a mim mesma uma pergunta. O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita,

proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada.

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.[1]

Rio de Janeiro Agosto de 2005

[1] Publicado no livro Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.), Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21.

*** Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005
Fonte: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>

ROTEIRO PARA ESTUDO DO TEXTO

- Ao final da leitura sistemática, será feita uma apresentação oral sobre o tema central do texto, a importância da escrita na vida da autora;
- Produção de uma exposição oral sobre o texto lido;
- Trabalho em grupo, em que cada equipe preparará uma análise a respeito de uma parte do texto e um representante fará a exposição oral;
- Avaliação da turma sobre o texto.

ATIVIDADE⁴:

1) Quais os aspectos que o filme, o texto de Conceição Evaristo, o currículo em prosa e os cap. 8 e 9 do livro Açúcar amargo têm em comum?

2) Qual a profissão de:

Marta (Livro) _____

Tariana (Currículo em prosa) _____

Skeeter _____ e Aibileen Clark _____ (Filme)

Conceição Evaristo _____ e da mãe dela _____ (Texto)

3) Qual história mais lhe chamou a atenção? Por quê?

4) Qual veículo de circulação lhe agradou mais? Por quê?

5) Volte ao texto de Conceição Evaristo e, com a ajuda do dicionário, encontre o significado das seguintes expressões:

a) Ancestral: _____

b) Gênese: _____

c) Solene: _____

d) Propensão: _____

6) Volte ao texto de Conceição Evaristo para responder: a que tempo a autora se reporta para falar de sua vida?

() Presente

() Pretérito / Passado

⁴ Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/27510754>> Acesso em: 16 Nov. 2019.

() Futuro

7) Por que será que a autora optou por esse tempo verbal?

8) Observe o seguinte trecho do texto de Conceição Evaristo:

[...] **Foram** elas que **guiaram** os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que **aguçaram** a minha curiosidade para a leitura e para a escrita.

a) As palavras destacadas são verbos, pois revelam AÇÕES. Analisando-as, podemos dizer que elas:

- () revelam ações totalmente concluídas.
() eram ações rotineiras que, portanto, repetiram-se por muitas vezes.
() não se realizaram ainda, mas poderão realizar-se.

b) Os verbos destacados são classificados, gramaticalmente, como:

- () Pretérito Perfeito
() Pretérito Imperfeito
() Presente
() Pretérito mais que Perfeito

9) No gênero autobiográfico, o Pretérito Perfeito, marca ações que se destacaram: “mudei, nasci, escrevi...” O uso do Pretérito Imperfeito marca o tempo das memórias, do lembrar: “morava, brincava, gostava...” O Pretérito é o tempo que predomina neste gênero, mas em algumas situações, também é usado o tempo Presente, como nesse trecho do texto de Conceição Evaristo.

“**Afirmo**, porém que foi do tempo/espço que aprendi desde criança a colher as palavras. Não nasci rodeada de livros, do meu berço **trago** a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias”.

10) Por que, nesse trecho, o autor se utiliza do tempo PRESENTE para falar de sua vida?

– Texto 2: Um Currículo em prosa, escrito por Tariana Martins Fontes Cruz.

DOMINGO, 11 DE NOVEMBRO DE 2007

Um currículo em prosa

Tariana Martins Fontes Cruz. Tariana assim, com T mesmo. Nasci em São Paulo e estou aqui até hoje, 20 anos passados. Cursei o ensino médio no Colégio Bandeirantes, e tenho certeza que foi um dos culpados por eu ter passado na Fuvest e hoje cursar o 4º semestre de Publicidade e Propaganda na ECA. Estudar comunicação era minha sina. Começou com o gosto pela língua. Logo a expressão escrita e oral do português não pareciam suficientes, e fui atrás do inglês. Hoje ele já é fluente na conversação e escrita, e começo a arranhar o espanhol. Confesso que só ao entrar na ECA vi a comunicação como muito mais que inventar uma propaganda. Conhecendo a teoria na sala de aula, corri atrás da prática e me tornei Diretora de Planejamento e Atendimento da Agência de Comunicações ECA Jr, minha grande experiência profissional até o momento. Durante 14 meses, prospectei clientes e jobs, planejei campanhas e gerenciei equipes criativas. Foram muitos briefings, aprovações e apresentações de projetos. Além disso também participei do planejamento estratégico da própria Agência e da organização e realização de eventos internos. O resultado: ao final da minha gestão, somava 30 projetos realizados. Foi na ECA Jr. que aprimorei minha habilidade com o Office (Word, Excel, Power Point, Outlook) e aprendi a trabalhar também em Mac. Agora sei que quero trabalhar com planejamento. Por quê? Porque foi o planejamento que me mostrou que criar não é inventar. Para criar é preciso conhecer ferramentas e objetivos, saber trabalhar e desenvolver cada um deles. Não adianta uma boa história se não for contada do jeito certo para as pessoas certas. E essa responsabilidade do planejador me fascina!

Disponível em:

<<http://vigesimoprimeiro.blogspot.com/2007/11/um-curruculo-em-prosa.html>>

ROTEIRO PARA AULA SOBRE CURRÍCULO EM PROSA

Abertura de comentários livres sobre o gênero textual apresentado.

Questionário: PERGUNTAS SOBRE A VIDA DO ALUNO

Roteiro para Entrevista:

Nome: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

Profissão: _____

Atualmente está trabalhando ou já trabalhou? _____

Em qual área? _____

Quais as atividades que são ou eram desenvolvidas por você?

Você utiliza a escrita no seu trabalho? _____

E na sua vida privada, você costuma escrever sobre algum assunto?

REFERÊNCIAS

BAHIA. **Organizadores Curriculares Essenciais**. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Disponível em:

<<http://www.educacao.ba.gov.br/midias/documentos/organizadores-curriculares-essenciais>> Acesso em 25 março 2021.

CRISTINA, Isabel. **Roteiro para estudo do livro**. Disponível em:

<<http://isabelacristinaabc.blogspot.com/2011/10/estudo-do-livro-acucar-amargo-de-luiz.html>> Acesso em 10 Fev. 2020.

CRUZ, Tariana Martins Fontes. **Um currículo em prosa**. Blog O 21º andar: um blog por uma vaga, 2007. Disponível em:

<<http://vigessimprimeiro.blogspot.com/2007/11/um-currculo-em-prosa.html>> Acesso em: 05 Nov. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura. II Seminário Internacional Mulher e Literatura. Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>> Acesso em: 05 Set. 2019.

FERREIRA, Priscila Ramos de Azevedo. **Caminhar e transformar – língua portuguesa: língua portuguesa anos finais do ensino fundamental: Educação de Jovens e Adultos**. 1 ed. São Paulo: FTD, 2013. (Coleção caminhar e transformar).

HISTÓRIAS Cruzadas. Direção: Tate Taylor. 2011. Netflix. Duração: 2h 27m

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10 Ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Joscivanio. **Roteiro para análise de filmes**. Disponível em:

<<https://www.passeidireto.com/arquivo/2087794/sugestao-de-roteiro-para-analise-de-filmes>> Acesso em 25 Jan. 2020.

PUNTEL, Luis. **Açúcar amargo**. Série Vagalume. São Paulo: Editora Ática.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

VIEIRA, Andrée de Ridder. **Rodas de conversa também são boas estratégias para os adultos**. Veja proposta de usar essa prática com a sua equipe, para desenvolver habilidades como investigação, reflexão, organização e avaliação. Revista Nova Escola. São Paulo. 02 de Fevereiro de 2015.

Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1197/rodas-de>>

conversa-tambem-sao-boas-estrategias-para-os-adultos> Acesso: em 15 Jan. 2020.